

As subtis linhas da humana dissimulação

Isabel Almeida
Universidade de Lisboa

Ao lidar com um texto inacabado (a respeito do qual persistem insolúveis dúvidas filológicas)¹, um texto estranho (que biografia de D. João IV propôs, numa época desperta para o potencial panegírico do género? Melhor: que quer dizer a eleição e a evidência do modelo de Tácito, quando tão agudos melindres rodeavam a fama do historiógrafo latino?)², um texto que, integrando a obra de D. Francisco Manuel de Melo, mantém com seus pares (desde logo, com *D. Teodósio II*) nexos tensos, divergindo e contrastando; um texto assim obriga-nos a indagar e a conjecturar; obriga-nos, afinal, a prestar atenção crítica aos nossos passos, ou a cultivar a arte desde sempre mais fugidia: *nosce te ipsum*.

Pergunto como leio, que coordenadas me situam: o lugar é o de quem lê à distância – distância no tempo, carregada de implicações em qualquer esforço de composição de um quadro contextual. Com efeito, leio acreditando que os textos significam e que, independentemente do alcance universal ou do eco subjectivo achado em cada um, importa buscar uma perspectiva histórica que atenda a condições próprias de produção de sentido. «Quare?» – a interrogação obstinadamente reiterada por D. Francisco, de olhos postos nos *Salmos* bíblicos³, ao longo dos anos

¹ É revelador dos problemas de fixação deste texto o artigo de B. N. TEENSMA, «Um Manuscrito desconhecido do *Tácito Português* de Dom Francisco Manuel de Mello», Separata da *Revista de Portugal*, vol. XXVII, 1962.

² Sobre o texto de D. Francisco, lembremos o cap. VII, «Critique politique dans le “Tácio Portuguez”» do ensaio de Jean COLOMÈS, *La critique et la satire de D. Francisco Manuel de Melo*, Paris, Presses Universitaires de France/Fondation Calouste Gulbenkian, 1969, 253-272; sobre a divulgação de Tácito e do tacitismo, cf. Beatriz ANTÓN MARTÍNEZ, *El Tacitismo en el siglo XVII en España. El proceso de receptio*, Valladolid, Secretariado de Publicaciones/Universidad de Valladolid, 1991; *Idem*, «*Velut theatrum hodiernae vitae: la similitudo temporum* y el auge de Tácito en los siglos XVI y XVII», *Euphrosyne*, nova série, XXVIII, 2000, 285-295; María Teresa CID VÁZQUEZ, *Tacitismo y razón de Estado en los “Comentarios Políticos” de Juan Alfonso de Lancina*. Memoria para optar al grado de Doctor, Madrid, Universidad Complutense de Madrid/Facultad de Derecho, 2001; Martim de ALBUQUERQUE, *Um percurso da construção ideológica do Estado. A recepção lipsiana em Portugal: estoicismo e prudência política*, Lisboa, Quetzal Editores, 2002.

³ Pergunta, por exemplo, o Salmo 41, 6, na versão da Vulgata: «Quare incurvaris anima mea et conturbas me?»

de cativo em Portugal, pode resultar tão fina quanto fecunda, e ganha redobrada pertinência como guia de apreciação de um texto com as características do *Tácito Português*.

Trata-se de um texto assumido pelo autor? Sim, pois D. Francisco menciona-o quer no *Hospital das Letras* (c. 1654) quer no rol definido nas *Obras Morales* (1664). Que o tenha deixado inédito (ou, se a decisão foi alheia, que nesse estado o haja visto permanecer), é já relevante: para quem com tanto afincamento e orgulho procurou os prelos e fez da oferta e da circulação de livros esteio de uma sociabilidade aristocrática e base de uma criteriosa rede de contactos, protecções ou esperanças de favor, o pormenor conta⁴. Alegar-se-á, porém, ter sido, essa, fortuna comum de muitos escritos, manuscritos apesar de encomendados por membros de alta estirpe ou não obstante pretenderem dirigir-se-lhes; alegar-se-á que não chega a constituir fenómeno bizarro na cultura barroca, bem pelo contrário. Mais que tudo, impressiona o facto de D. Francisco Manuel de Melo guardar duradoura memória deste trabalho imperfeito.

O *Tácito Português* deve remontar ao começo da década de 50⁵. Evocado com «O grão Teodósio II de Bragança» e «El Cesar de Ambos Mundos», num lote heterogéneo como o que entra na «famosa matraca»⁶ debitada no *Hospital das Letras*⁷, ou indexado no seguimento de «El Theodosio» e antes da «Segunda Parte de las Epanaforas», entre as empresas «Historicas» da regrada taxonomia de «Libros y Obras no estampadas» que abre *Obras Morales* (onde «El Cesar de Ambos Mundos», num eloquente balanço, é transferido para o conjunto das «Políticas...»)⁸, o estatuto que D. Francisco lhe confere não se resume ao de uma fugaz experiência abandonada. Tanto bastaria para o realçar. Todavia, volve-o sobremaneira intrigante uma densa ambiguidade, própria da natureza movediça do seu terreno de origem: uma natureza propícia a contaminações entre campos de recorte delicado – precisamente, a história e a política, aquela dedicada ao registo do passado, esta empenhada em decantar, para lá de estratégias de acção, especulações sobre o rosto e o reverso do poder.

Observemos com cuidado: ajustando-se à predilecção barroca pelo tropo da antonomásia e assinalando uma concepção do mundo como teatro, jogo de máscaras, malha de analogias, metamorfoses e ilusões, *Tácito português* designa a *Vida e feitos de D. João IV*, sem excluir a possibilidade de nessa acomodação ou subtil renascimento se espelhar também D. Francisco Manuel de

⁴ Além do que os paratextos das obras mostram, as *Cartas Familiares* de D. Francisco são férteis em informação sobre ofertas, trocas, empréstimos, pedidos de aquisição de livros. A este assunto prestam atenção Edgar PRESTAGE (*D. Francisco Manuel de Mello. Esboço Biográfico*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914), Luís Sá FARDILHA e José Adriano de Freitas CARVALHO («Tempos e modos da edição lionesa das *Obras Métricas*», «Poesia de circunstância e circunstâncias sociais», in Francisco Manuel de MELO, *Obras Métricas* (Edição coordenada por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Freitas Carvalho), vol. I, Braga, Edições APPACDM, 2006, XV-XXII, LI-LXIV).

⁵ *Tácito Português* não é referido na conclusão de «El Estampador a los Críticos, y Cultos Ingenios», incluída no *Pantheon de la Inmortalidad del Nombre: Itade*. Poema Tragico de D. Francisco Manuel. Al Conde Camarero Mayor. Dividido en dos Soledades. Hacele Publico Paulo Craesbeeck. Quare? Lisboa, En la Officina Craesbeeckiana. Con licencia, Año 1650. Ali fornece-se uma lista de obras impressas e de outras «que estan para estamparse mãs en breve», mencionando «El Theodosio», mas não o *Tácito Português*. A cronologia deve, no entanto, explicar a ausência: quando a edição foi preparada, a redacção do último não teria ainda ganho corpo.

⁶ Jean COLOMÈS, *Le Dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo. Texte établi d'après l'édition princeps et les manuscrits, variantes et notes*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1970, 100.

⁷ Do extensíssimo rol desfiado das obras do Autor, retenha-se o seguinte excerto: «O Grão Teodósio II de Bragança; El César de Ambos Mundos; o *Tácito Português*; o *Aparato Genealógico dos Reis de Portugal*» (Jean COLOMÈS, *Le Dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*, 101).

⁸ Nas *Obras Morales*, estabeleceu D. Francisco um elenco de «Obras y Libros Impressos» e outro de «Libros y Obras no estampadas». Neste segundo grupo, considerou vários conjuntos: entre as «Históricas», contam-se «El Theodosio. El Tacito Portuguez. [...] Aparato Genelogico (sic)»; entre as «Políticas», figura «El Cesar de Ambos Mundos» (*Obras Morales de Don Francisco Manuel a la Sereníssima Reyna Catalyna Reyna de la Gran Bretaña. Parte Primera*, Roma, el Falco, 1664).

Melo, novo Tácito ou Tácito Português. Não espanta, semelhante mutualismo entre obra e autor: o nome de Tácito tão intensamente se associou a quanto produziu, que esse elo metonímico acabou vingando. Provável se afigura, daí, que D. Francisco deliberasse actualizar este vínculo, e com estupendo impacto. Alusivo, remissivo, anfibológico, o título que escolheu valia (vale!) como um desafio: na Europa seiscentista, paradoxalmente, dada a controvérsia que agitava a recepção do seu legado, Tácito fazia falar.

É revelador o processo da redescoberta desta voz latina: mínima na Idade Média, ganhou alento no início de Quinhentos e explodiu a partir de meados desta centúria, graças a iniciativas como as de Justo Lúpsio e de quantos em esteira idêntica avançaram⁹. Por um lado, e numa altura em que o lugar-comum (autêntico sinónimo de «cosa notável»...) atraía vontades e fascinava entendimentos, a curiosidade por Tácito radicava no gosto pela palavra sentenciosa e lapidar, susceptível de prolifera fragmentação tópica; por outro lado, associava-se ao reconhecimento de que a teoria política travejada durante séculos ia sendo corroída e negada por uma realidade complexa como a que, *v.g.*, nos *Annales* ou nas *Historiae* se pintava – uma realidade arredia a padrões morais, éticos e religiosos de verdade.

Quadrando a um tempo de crise e desengano, a ligação a Tácito acarretava consequências múltiplas no pensamento político e no apuramento de uma noção de história. Num ponto convergiam as opiniões: distinto de Tito Lívio e da sua segurança decorosa, Tácito, audaz na recusa da adulação (o que acirrava uma ferida insanável na historiografia...), perturbava pelo discurso capaz de devassar o ânimo humano e os meandros sociais («não serve o discurso ao caso, antes o caso serve ao discurso, sendo contado como acaso tudo o que se conta»)¹⁰, destro a escarpelizar gestos públicos, procedimentos enviesados de gente de mando, leis de uma crua antropologia onde pontificavam a dissimulação e a violência. Não custa concluir: em alguns casos, Tácito terá sido investido para encobrir um maquiavelismo que a tradição peninsular quinhentista por norma repudiou e que no século XVII irregularmente ou superando relutâncias logrou conquistar espaço¹¹; noutros casos, o mergulho no íntimo de figuras, o desnudar dos bastidores da História espevitaria a reflexão sobre a razão de Estado e incentivaria o debate doutrinário e ideológico acerca deste pilar tornado nevrálgico numa arquitectura de ordem e de centralizado poder¹².

Repare-se: mais do que por quanto em si continha – o «deuil de l'âge d'or»¹³, a insinuação de uma funda «déchéance»¹⁴ –, a obra de Tácito inquietava pela dupla interpretação e aplicação que permitia e que será expedito condensar num esquema silogístico:

- 1) Tácito representara um mundo dominado pela tirania; a tirania era reputada um antímodo; Tácito seria condenável enquanto potencial (maquiavélico...) inspirador de condutas negativas;
- 2) Tácito representara um mundo dominado pela tirania; a tirania não passava de um anti-modo; Tácito seria aconselhável porque, ao mostrar negativamente o império romano, ati-

⁹ Cf. Arnaldo MOMIGLIANO, «The first political commentary on Tacitus», *The Journal of Roman Studies*, vol. 37, 1-2 (1947), 91-101; Peter BURKE, «A survey of the popularity of ancient historians, 1450-1700», *History and Theory*, vol. 5, nº 2 (1996), 135-152.

¹⁰ Jean COLOMÈS, *Le Dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*, 107.

¹¹ Cf. Martim de ALBUQUERQUE, *Maquiavel e Portugal (Estudos de História das Ideias Políticas)*, Lisboa, Alêtheia, 2007.

¹² Ver Stéphane BONNET, «Botero machiavélien ou l'invention de la raison d'état», *Les Études Philosophiques*, nº 3, Paris, PUF (2003), 315-329.

¹³ Marc FUMAROLI, *L'âge de l'Éloquence. Rhétorique et «res litteraria» de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Paris, Albin Michel, 1994, 67.

çava a repulsa por antivalores e, pedagógico, contribuía para esconjurar ameaças à saúde da *res publica*.

Em suma: a uma energia singular correspondeu uma recepção tão dinâmica quanto vária. O interesse pela obra de Tácito foi secundado pela propagação de antologias, por uma mole de traduções, comentários e novos textos filiados de modo directo ou indirecto no seu magistério? Contudo, em simultâneo e em inextricável enleio, a onda tacitiana e tacitista suscitou arpejo e escândalo, gerando polémica e um mapa instável de reacções. Lembremos Saavedra Fajardo, que se pronunciou contra a divulgação indiscriminada de Tácito, reservando o *nulla obstat* para o acesso de público erudito¹⁵; lembremos Antonio de Herrera, dividido entre a apologia e o ataque¹⁶; lembremos como a Companhia de Jesus recuou no tocante à aceitação que concedera ao autor latino, e como a fulcral *Ratio Studiorum* de 1598, ostensivamente ciceroniana, reviu o *corpus* paradigmático preconizado doze anos atrás, silenciando Cornélio Tácito¹⁷. Consoante a circunstância, um mesmo leitor adoptaria perspectivas diversas, e D. Francisco não discrepou desta flutuação.

Prova-o a disparidade de vozes que dialogicamente soam no *Hospital das Letras*: a demorada e miúda discussão travada no contracenar das personagens leva a que (através de Bocalino) se vitupere Tácito como «chapado velhacão, lisonjeiro e adulator como mil que andam por esses paços»¹⁸ ou que (através de Lípsio) se aplauda como «gigante», «patriarca dos estadistas»¹⁹. Ora, apesar da diferença, cabe ao acre Bocalino elogiar a «proveitosa diligência»²⁰ de Tácito e recriminar, por errónea, certa incursão exegética do seu tradutor e escoliasta mais consagrado – Justo Lípsio²¹. Tem curvas e excepções, a conversa que se urde, e não se cinge a um exercício de esgrima primário: assim ocorre, globalmente, na obra de D. Francisco, como num sobrevo –lacunar – se ilustra²².

No *Manifesto de Portugal* (1647), é a matéria das narrativas de Tácito (mas não o autor e seu crivo) que se põe em xeque ao recordar «la memoria de aquella inhumana politica, que aprendida de Tiberio, Neron, Comodo, y Caligula, con los más enormes Romanos, se difundió a otros, que igualmente corrompieron y infamaron el nombre Christiano con obras gentlicas»²³. Adiante, na «Epanaphora Política», o zelo de sondar senhores e vassalos, com suas dobras e manobras, ressuma a assimilação do exemplo latino («Com tal pensamento, houve algum, que particularmente me encarregasse sua justificação, em que obrei tanto, que em vez de o obrigar, o fiz ingrato. Por ser,

¹⁴ Marc FUMAROLI, *L'âge de l'Éloquence...*, 69.

¹⁵ Cf. Maria Teresa CID VÁZQUEZ, *Tacitismo y Razón de Estado*, 48-62.

¹⁶ Cf. Maria Teresa CID VÁZQUEZ, *Tacitismo y Razón de Estado*, 33-34.

¹⁷ Cf. Ladislaus LUKÁCS S.I., *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*, Nova editio penitus retractata, vol. V, *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu (1586, 1591, 1599)*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1986.

¹⁸ Jean COLOMÈS, *Le Dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*, 106.

¹⁹ Jean COLOMÈS, *Le Dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*, 105.

²⁰ Jean COLOMÈS, *Le Dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*, 107.

²¹ «Lípsio – As dores de Tácito só eu as entendo, porque sempre tive para mim que só eu o entendia.» (Jean COLOMÈS, *Le Dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*, 105).

²² Lembrou-me a Senhora Doutora Evelina Verdelho, a quem agradeço, que na poesia e nas Orações académicas é detectável uma pluralidade de referências a Tácito. Vejam-se, por exemplo, duas quintilhas da Carta «a João de Saldanha estando doente e retirado em Santarém»: «Chamo o Séneca, e ei-lo posto,/o Tácito e o Tolomeu;/todos vem com ledo rosto,/que nenhum me dá desgosto,/nem por saberem mais que eu.//Digo àquele que mentiu:/cala-se-me; e digo àquele/que enganou e que fingiu;/e a estoutro que nada viu/de quanta cousa que há nele.» (Francisco Manuel de MELO, *Obras Métricas*. Edição coordenada por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Freitas Carvalho, vol. II, Braga, Edições APPACDM, 2006, 567).

²³ *Manifesto de Portugal. Escrito por D. Francisco Manuel*. Em Lisboa, De orden de Su Magestad, y con todas licencias. Por Pablo Craesbeeck. Año 1647, f. 5.

como diz Tacito, costume dos Principes, & Grandes, aborrecer os serviços, ou boas obras, que lhes são feitas, depois que requerem algũa notavel satisfação.)²⁴, mas não impede um rasgo desdenhoso sobre a caducidade de velhos mestres do Conde Duque Olivares: «Os livros politicos, & historicos que professara, lhe havião deixado algũas maximas improporcionadas ao humor de nossos tempos; dõde procedia intentar algũas vezes, cousas asperas, sem outra conveniẽcia, que a imitação das antigas: como se os mesmos Tacitos, Senecas, Paterculos, Plinios, Livios, Polibios, & Procópios, que as aconselhãrão, & escrevêrão, sendo hoje viventes, não mudãrão a opinião, à vista da diferencia que fazẽ os annos, os interesses, & os costumes dos homens.»²⁵ Ao invés, na «Epanaphora Tragica», o gosto pela leitura de Tácito brilha no panegírico de D. Manuel de Meneses, «hum dos grãdes homens, que deu Portugal, de muytos tempos a esta parte»²⁶; *mutatis mutandis*, citar Tácito, como *auctoritas* ou fonte aforística, havia entroncado, na *Astrea Constante*, na construção de um louvor de D. João IV²⁷, o mesmo sucedendo em *D. Teodósio II*²⁸. Que verificamos? Antes e depois de 1650, D. Francisco mostra-se frequentemente benigno para com o historiógrafo; não ignora, porém, quão relativo e por vezes extremado podia ser o voto sobre ele.

À sombra de Tácito, história e política aproximavam-se e cruzavam-se. Di-lo o *Hospital das Letras*, e é ainda do *Hospital das Letras* um trecho enigmático, vizinho de uma intervenção em que Quevedo deplora: «não gozou o mundo o resplendor de sua doutrina». Reza assim a fala do «Autor»: «Deixai-me que creia antes foi providência altíssima relevar-nos tantos anos do uso de suas máximas. Mas, porque do mesmo modo que se afirma da antiga Roma que, por alimpar a república, tornou a admitir os médicos em razão da muita gente que sem eles vivia e multiplicara os trezentos anos de seu desterro, segundo quer Dionísio Halicarnasso, assim também parece que, por castigar a república com os efeitos de máximas rigorosas e insuportáveis alvitres, permitiu Deus ressuscitasse a escola de Tácito e visse a gente suas obras, para ser castigada na observância de seus escritos.»²⁹

Não sabemos por completo se Tácito sai desta tirada reprovado ou agregado aos «médicos», mas certo é que, sendo classificada como terrível a república que sua historiografia regista, se assevera que a do presente a «ressuscita»: as «máximas rigorosas», os «insuportáveis alvitres» seriam reverberação de uma Roma doente; a volta de Tácito acompanhava o regresso dos achaques do Império, que cumulavam de oportunidade a disforia dos seus escritos. Certo, pois, é que está em causa a *similitudo temporum*, que enlaça um pólo pretérito e outro moderno, ambos merecedores de punição³⁰. Tal ideia – não esqueçamos – gozava de vigor axiomático, e na dedicatória do *Tácito Espan-*

²⁴ Dom Francisco Manuel de MELO, *Epanáforas de Vária História Portuguesa por [...]*, Introdução e Apêndice Documental por Joel Serrão, fac-simile da ed. de 1660, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977, 128-129.

²⁵ Dom Francisco Manuel de MELO, *Epanáforas de Vária História Portuguesa por [...]*, 120.

²⁶ Dom Francisco Manuel de MELO, *Epanáforas de Vária História Portuguesa por [...]*, 271. Lê-se, um pouco antes (p. 267): «O seu Autor latino era Tacito, o Grego Tucidades; & dos Poetas vulgares, estimava pella variedade o Ariosto: confessando sobre os heroycos, a eminencia do nosso Camoẽs».

²⁷ Tácito é recordado como «tan zelador de la Magestad, como de la utilidad de los Princepes», e de D. João IV diz-se: «No olvidava [el Rey] los exemplos, pero quiça, no los seguia, acordado de la dotrina de Tacito que tiene por condenable en el Principe la admission de la costumbre del vulgo [...]». Ap. Maria Tereza AMADO, *A representação do poder em Francisco Manuel de Melo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de História Cultural e Política Moderna da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. 2 (Apêndice documental), Coimbra, 1987, transcrevendo as fls. 88v e 89 do Códice 8577 da BN Lisboa.

²⁸ Cf. D. Francisco Manuel de MELO, *D. Teodósio II*. Segundo o Códice 51-III-30 da Biblioteca da Ajuda. Tradução e prefácio de Augusto Casimiro, Porto, Livraria Civilização, 1944, 43, 126, 176.

²⁹ Jean COLOMÈS, *Le Dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*, 106-107.

³⁰ Trabalhos de Beatriz ANTÓN RODRÍGUEZ têm evidenciado a importância deste conceito, que marca quer a obra de Tácito quer a sua recepção. Por um lado, adverte esta autora, «mientras el historiador denigra a los príncipes difuntos y

ñol, Baltasar Álamos de Barrientos repetira, peremptório: «Otros son los hōbres, o los nombres, pero no las costumbres.»³¹

Escolher Tácito como vulto tutelar de uma obra historiográfica destinada a ocupar-se do tempo de agora (terreno perigoso)³², nada tinha de inocente. Sê-lo-ia menos ainda mercê da *imitatio* a que D. Francisco se entregou, em lances engenhosos graças aos quais foi moldando, inconfundível, o seu *Tácito Português*. Dois textos – pacientes no *Hospital das Letras* – ocupariam posição soalheira no seu horizonte: *Tácito Español*, de Baltasar Álamos de Barrientos; *Le Tacite François*, do jesuíta René de Ceriziers.

Do livro de Álamos de Barrientos³³ – tradução, com glosa e aforismos, de quatro obras de Tácito –, livro publicado pela primeira vez em 1614 e copiosamente reeditado, viria o apelo de uma identificação: tal como o castelhano elaborara a sua versão em cativo (entre 1590 e 1598...) ³⁴, D. Francisco traçou na prisão o seu *Tácito Português*. À superfície, porém, falam mais alto as diferenças: Álamos de Barrientos traduziu um Antigo, com sua galeria de míticos imperadores; D. Francisco focou o soberano em funções; o volume de Álamos de Barrientos saiu tarde, oferecido ao Duque de Lerma, Valido de Filipe III de Espanha, quando já o autor gozava do perdão deste rei e quando o eventual desejo de *vendetta* sobre Filipe II, por interposta *persona* (Tibério)³⁵, se havia sublimado; D. Francisco gizou o *Tácito Português* após tentativas – frustradas, sempre – de obtenção da clemência do Restaurador.

Longe de privilegiar o tempo remoto, o *Tácito Português* veicula uma imagem do rei D. João IV, e essa opção emparelha com a que Renée de Ceriziers, «aumosnier du Roy», tomara ao redigir *Le Tacite françois avec les reflexions chrestiennes et politiques sur la vie des rois de France*³⁶. Ceriziers fizera coexistir luzes e máculas, ora apontando a «imbecillité» de Thierry II³⁷, ora deplorando a inadequação de «Louys V. Dit le Faineant» («Si Louys n'avoit perdu son sceptre, nous n'aurions

cumple el programa de Trajano, en realidad, mediante la *similitudo temporum*, está ejerciendo sibilamente una acerada crítica de la nueva dinastia» («La *linguae continentia* de Tácito: los Antoninos e Hispânia», *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, 26, nº 1 (2006), p. 77); por outro lado, a ideia de que, em nome das semelhanças históricas, seria lícito comparar tempos distintos, estimulou o interesse pelos textos de Tácito enquanto prefigurações do presente, vendo-se em Tibério o emblema do tirano ou do rei que desse rumo perigosamente se aproximava (Beatriz ANTÓN, «*Velut theatrum hodiernae vitae*: la *similitudo temporum* y el auge de Tácito en los siglos XVI y XVII», *Euphrosyne*, nova série, XXVIII (2000), 285-295). Devo a Belmiro Fernandes Pereira, a quem agradeço, a leitura destes artigos.

³¹ «A Don Francisco Gomez de Sandoval y Rojas [...], in *Tacito Español, Ilustrado con Aforismos, por Don Baltasar Alamos de Barrientos*, Madrid, Luis Sánchez, 1614.

³² No «Discurso para Inteligencia de los Aforismos, uso, y provecho dellos», Baltasar Álamos de Barrientos explica, seguindo Tácito: «1. *Que es muy peligroso escribir las historias del siglo que corre, y del que ha poco que passo, por estar vivos los decēdientes de las personas de quien se trata* [I Lib. 4 de los An. af. 193] 2. *Y que diciendo mal en las historias y cōversaciones de las acciones particulares de uno, no solamēte se ofende a aquel, y a su casa; mas aun todos aquellos que por semejança de costumbres creen, que se les puede aplicar; y que por esto se escriven, y dizen* [Af. 194].» (*Tacito Español, Ilustrado con Aforismos, por Don Baltasar Alamos de Barrientos*).

³³ *Tacito Español, Ilustrado con Aforismos, por Don Baltasar Alamos de Barrientos*. Dirigida a Don Francisco Gomez de Sandoval y Rojas Duque de Lerma Marques de Denia &c. Con Privilegio. En Madrid por Luis Sánchez, a su costa y de Juan Habrey. Año M.DC.XIII.

³⁴ Por razões políticas, Álamos de Barrientos caiu em desgraça, juntamente com António Pérez, no reinado de Filipe II de Espanha.

³⁵ O tradutor não terá perdido o ensejo de advertir, numa carta a António Pérez, a correspondência que via entre Filipe e Tibério.

³⁶ *Le Tacite François avec les Reflexions Chrestiennes et Politiques sur la Vie des Rois de France. Du S.re de Ceriziers Aumosnier du Roy*, A Paris, Chez la Veuve I. Camusat et Pierre le Petit, Imprim. Ordinaire du Roy, rue S. Jacques à la Toisō d'or, Avec Privilege du Roy, 1648.

³⁷ *Le Tacite François*, 107.

rien à dire de lui. Ce pauvre Prince possedoit si peu les vertus d'un Roy, & peut-estre celles d'un Mari, que Blanche mesme sa femme le quitta, & qu' Emine sa mere entreprit de le sauver aupres d'Adeleide son Ayeule veuve d'Othon premier»³⁸, ora rotulando Philippe III como «Prince à la vérité hardy, mais peu sage; entreprenant, mais peu heureux dans ses entreprises»³⁹, ora afirmando, de Jean I – «Jean qui avoit appris sous son Pere, plutost à estre mal-heureux que Monarque, comença son Regne par un acte, qui luy promet une longue suite de disgraces»⁴⁰. Não será despiçando que *Le Tacite françois* venha agregado, como num díptico, a *Reflexions Chrestiennes*, texto que, ao revisitar o assunto do primeiro, altera o ângulo de análise: com honrosas excepções, *Le Tacite françois* prima pelo cáustico diagnóstico das falhas, dos erros e das fragilidades dos reis de França; nas *Reflexions Chrestiennes et Politiques* prefere-se um olhar pio ou benigno, que não apaga sempre condenações mas as suplanta através de um juízo edificante.

O trabalho de Ceriziers foi impresso com a chancela régia; o *Tácito Português*, imperfeito, que- dou-se, durante séculos, inédito. Comparando-os com minúcia, percebemos que o *Tácito Português* acolheu a verve de *Le Tacite François*; das *Reflexions Chrestiennes et Politiques* falta ali rasto, embora não porque este texto fosse alheio a D. Francisco: se o não projectou no *Tácito Português*, fê-lo em *Teodósio II*, de tal maneira que parecem, ambos, formar uma réplica (invertida, na cronologia) da obra de Cériziers. E isso diz muito acerca de cada um e do modo como se articulam entre si.

D. Teodósio II e *Tácito Português* unem-se por gritantes afinidades temáticas e por uma óbvio comunhão de tópicos: tratam de elementos máximos da Casa de Bragança, Pai e Filho; perscrutam família, educação, predilecções, códigos de comportamento. Mas enquanto em *D. Teodósio II* (c. 1649) as fraquezas brigantinas surgem contempladas por uma lente de bondade cristã, que as desculpa ou mitiga, no *Tácito Português* (c. 1650) a imagem de D. João IV resulta manchada por vícios que fazem dele, em larga medida, um negativo dos encómios já endereçados a seu pai.

Não fossem o *Tácito Português* e *D. Teodósio II* contíguos no tempo de produção, menos convidariam a uma comparação. Lado a lado, ou frente a frente, porém, confirmam quanto Margarida Vieira Mendes advertiu num estudo sobre a arte barroca⁴¹: cumpre considerar a circunstância, antes de rotular de meramente inconstante ou contraditório um autor e uma obra. Apreciado em contexto, cada texto possui sua oportunidade, sua especificidade retórica – seu *aptum* calculado, desejado. Assim se percebe no *Tácito Português*, probabilíssima expressão do desalento provocado pela ineficácia persuasiva de *D. Teodósio II*, em cuja apresentação D. Francisco se esmerara e da qual muito terá esperado, segundo venceu nas *Cartas Familiares*⁴².

O *Tácito Português* espalha suspeitas, fomenta perplexidades como as que acusaram Afrânio Peixoto ou Jean Colomès⁴³, sensíveis ao que neste texto é a denúncia de desequilíbrios, carências, irresoluções, conflitos: a imensa «soberba» de D. Catarina, a deficiente preparação do jovem D. João,

³⁸ *Le Tacite François*, 184.

³⁹ *Le Tacite François*, 270.

⁴⁰ *Le Tacite François*, 308.

⁴¹ Cf. Margarida Vieira MENDES, «Baroque Literature Revised and Revisited», in Miguel Tamen and Helena C. Buescu, *A Revisionary History of Portuguese Literature*, New York and London, Garland Publishing, Inc., 1999, 58-78.

⁴² Cf. D. Francisco Manuel de MELO, *Cartas Familiares* (prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, 246-247 («A António Luís de Azevedo» – 5 de Maio de 1649).

⁴³ Cf. Afrânio Peixoto, «Nota preliminar», in D. Francisco Manuel de MELLO, *Tácito Portuguez. Vida, e Morte, Dittos e Feytos de El-Rei Dom João IV*. Segundo apógrafo inédito da Biblioteca Nacional, com introdução, informação, notas de Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1940, VII-XVII; Jean COLOMÈS, *La critique et la satire de D. Francisco Manuel de Melo*, Paris, Presses Universitaires de France/Fondation Calouste Gulbenkian, 1969, 253-272.

os atritos com seu Pai, as querelas domésticas com D. Luísa, a flexibilidade perante o domínio filipino e a demora frouxa em encabeçar a revolução de 1640. Mais: em parte considerável desta *Vida e feitos de D. João IV*, do monarca pouco se narra directamente; o palco é povoado por outros actores, e no labirinto político calha ao rei o papel sombrio e perverso de quem foge à responsabilidade de governar e decidir, como quando se relata a queda do secretário Francisco de Lucena.

Assim, o *Tácito Português* dá que pensar, pela direcção que abraça, pelos modelos que elege: a dívida para com *Le Tacite François* e a recusa de influência das *Reflexions Chrestiennes et Politiques* conferem-lhe uma indesmentível acrimónia; força demolidora vem-lhe igualmente da assunção da agudeza com que no *Tácito Español* se explorara a *similitudo temporum*. E, emblemática, a explícita colagem de D. João IV a Tibério indica um modo de ver impregnado de desconfiança, extensivo a todo o texto: «Quando o artificioso Tiberio renovou em Roma a dura Ley da Magestade leza, que os tempos e inconvenientes tinham sepultada, não se fulminava em Roma com mayor ancia que então em Lisboa, nem eram mais iniquos aquelles Decretos e fições [sic] com que compravão os escravos para testemunharem contra seus senhores, que cá as torpes deligencias com que se sobornavão, ao mesmo fim, criados e dependentes; ao sangue e á amizade se atrevo o coração: tão solto andava o veneno.»⁴⁴

Ambicionaria o autor um *ethos* oracular, pronto a «contradizer» lisonjas e a arriscar uma lição de integridade («Eu desejo caminhar por esta estrada, e se por ventura não achar por ela a razão, de quem sou tão amartelado que estimo pela melhor sentença do Séneca aquela malícia com que ele declara «que os príncipes a aborrecem porque é a cousa mais poderosa que eles na Terra», é verdade que conheço também que muitos fazem a sua vontade e lhe põem nome de razão [...]»⁴⁵)?

Perante a memória limpa de D. João IV, patente na *Declaración que por el Reyno de Portugal ofrece el doctor Geronimo de Santa Cruz* (1664?), apetece perguntar: o *Tácito Português* que nas *Obras Morales* se promete conservaria a letra e o espírito da versão hoje disponível? Mercê da passagem do tempo e da mudança histórica, D. Francisco, caso tivesse concluído o texto, limaria arestas? Reinando D. Afonso VI, seria recomendável um novo olhar sobre seu pai? No *Tácito Português*, porém, tal como se encontra, tudo leva a crer que D. Francisco ousou ser rei de si próprio. «Quem será tão atrevido que interprete as sutis linhas da humana simulação, e queyra introduzir a linha de seu juízo?»⁴⁶ Apesar dos protestos de inocência, talvez aí D. Francisco Manuel de Melo se haja atrevido a ser este.

⁴⁴ D. Francisco Manuel de MELLO, *Tacito Portuguez. Vida, e Morte, Dittos e Feytos de El-Rei Dom João IV*, 140.

⁴⁵ D. Francisco Manuel de MELO, *Cartas Familiares*, 209-210 (a um varão douto, duvidando-lhe de certa opinião – 8 de Novembro de 1648). Altero a pontuação do texto citado, em busca de sentido.

⁴⁶ D. Francisco Manuel de MELLO, *Tacito Portuguez. Vida, e Morte, Dittos e Feytos de El-Rei Dom João IV*, 92.